

# A CONDIÇÃO EPISTÊMICA DO INCONSCIENTE LACANIANO\*

Luiz Carlos Santuário\*\*

**SÍNTESE** – Na tarefa de reconstruir compreensivelmente o saber trazido pela psicanálise de Jacques Lacan, é utilizado o framework da postura transcendental herdeira de Kant. O termo "amalgama" permite compreender a incorporação, no gesto lacaniano, de saberes oriundos de distintas áreas do conhecimento humano e que, submetidos ao cadinho da torção lacaniana, possibilitam a Lacan a produção de uma ontogênese originalíssima sobre o humano-ser. A metamorfose lacaniana é uma operação que implica numa revisão dos conceitos em seu campo originário e uma *Aufhebung* da psicanálise freudiana.

**PALAVRAS-CHAVE** – Transcendental. Psicanálise. Epistemologia. Inconsciente. Metamorfose.

**ABSTRACT** – The Kant-derived transcendental stance is used as the framework which enables us to grasp the essence and the significance of Jacques Lacan's psychoanalysis. The term "amalgam" makes it possible to understand Lacan's gesture which deals with several fields of knowledge imposing on them a Lacanian wring, allowing him to produce a new and original theory about being-human. Lacan's metamorphosis revises concepts within their original fields and brings about an *Aufhebung* of Freud's psychoanalysis.

**KEY WORDS** – Transcendental. Psychoanalysis. Epistemology. Unconscious. Metamorphosis.

A necessidade de se instituir um diálogo entre psicanálise e filosofia estaria justificada em função do imperativo que nos comanda ultrapassar a ficção pré-freudiana de um sujeito idealmente mestre de seus pensamentos e de sua comunicação. O universo categorial trazido pela psicanálise de Freud e Lacan carrega consigo o estranho efeito de produzir um desconforto conceitual no campo totalizante do discurso filosófico, uma vez que o saber produzido pela psicanálise implica a impossibilidade da produção de um saber sobre a totalidade, por compreender o sujeito-humano como um ser produzido por uma falta, por uma fratura.

Lacan critica a psicanálise de seu tempo por ter esquecido a ordem simbólica e ter reduzido tudo ao registro do imaginário, ao terreno do escópico, do auto-evidente. Isto representa, para Lacan, nada menos que uma traição a um dos *insights* mais básicos de Freud. A descoberta freudiana é de que o campo dos

\* Este texto é uma versão condensada do livro *A lei do desejo*, no prelo, correspondente à tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS, em março de 2001, sob a orientação do Prof. Dr. Ernildo J. Stein.

\*\* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Caxias do Sul.

efeitos, na natureza do homem, é produzido por sua relação com a ordem simbólica. Ignorar essa ordem simbólica é condenar a descoberta ao esquecimento<sup>1</sup>.

Assim, para o processo de continuidade de reformulação do edifício teórico da psicanálise, contrariamente ao dogmatismo de que Lacan é por vezes acusado, ele nos mostra que o sistema de pensamento de Freud permanece em aberto, não apenas em seu acabamento, mas em vários de seus pontos de articulação. O projeto lacaniano constitui-se num projeto de retorno a Freud, numa tentativa de restabelecer a virulência original da letra freudiana.

Quando se trabalha com o texto lacaniano, deve-se evitar as duas posições sedutoras: a do menosprezo (fruto da repressão em relação ao autor de que se fala) e a idealização. Deve-se evitar posicionar-se frente aos textos de Lacan como se fossem sagrados, local de uma adoração e de toda a sabedoria. Ao contrário, deve-se procurar ocupar uma posição hermenêutica frente ao texto, que aí se encontra para ser compreendido. Deve-se evitar a adesão cega à letra do autor, posição fetichista, fanática e que presta um desserviço ao texto do autor, na medida em que o texto deve ser decodificado e não fagocitado e mimetizado numa linguagem simétrica a ele.

Em sua tarefa de produção de um novo saber, do resgate à letra freudiana de seu estatuto de virulência e originalidade, Lacan utilizará ferramentas manufaturadas no campo da filosofia. Contudo, sua proximidade com o campo do saber filosófico é apenas de uma afinidade eletiva, e não efetivamente análoga e simétrica.

Talvez tivesse sido necessária à marcha do pensamento ocidental a figura e a presença histórica e histórica de Lacan, como um *bricoleur* francês, para atar as pontas entre o áspero e sólido empirismo britânico e o transcendentalismo idealista do pensamento alemão. Em sua tarefa de alquimista, *bricoleur* e produtor de um amálgama, o gesto lacaniano produz e introduz uma nova concepção de sujeito, de cultura, de sociedade e de história. Seguramente há um estilo único, uma forma absolutamente própria e peculiar ao texto do saber lacaniano. Assim, se a psicanálise pode ser compreendida como uma dramaturgia do exílio, é porque efetivamente o drama é o gênero que se melhor lhe corresponde.

A tarefa auto-imposta de constituir-se como cadinho intelectual, local de amálgama de conceitos advindos das diferentes áreas do saber humano, leva o polêmico personagem parisiense a trilhar um caminho de modo absolutamente solitário. O termo amálgama é utilizado aqui com vistas a indicar a operação de incorporação de saberes produzidos em diversos campos e submetidos ao cadinho da torção lacaniana, o que lhe permite a produção de uma ontogênese originalíssima sobre o humano-ser.

Um caminho possível de ser percorrido na árdua tarefa de elucidação epistemológica da obra lacaniana, é o de considerá-la como próxima do arsenal filosófico produzido por Kant. Evidentemente, esta aproximação deve ser colocada

<sup>1</sup> EVANS, D. *Dictionary of lacanian psychoanalysis*. London: Routledge, 1997, p. 202.

sob a rubrica das afinidades eletivas, na medida em que se trata de campos dessimétricos do saber. No kantismo está em jogo a tarefa de estabelecer as condições *a priori* do conhecer e do agir, enquanto que no lacanismo o que está em jogo é a tarefa de repor, por demonstração indireta, as condições de possibilidade do humano ek-sistir<sup>2</sup>, enquanto inelutável e simbioticamente colado e atado ao símbolo.

Efetivamente, há uma similaridade entre o procedimento do kantismo e o trabalho de produção conceitual em Lacan, na medida em que ambos os autores retrocedem até as condições de possibilidade dos fenômenos observados. Enquanto, de um lado, Lacan articula a noção de registro do simbólico como *locus* privilegiado de suportabilidade do humano, de outro lado, devemos compreender que o simbolismo na doutrina kantiana é uma das manifestações da revolução copernicana que ele efetivou na filosofia.

Ela consiste em renunciar à visão naturalista do mundo e do pensamento do mundo, e operar uma virada antropológica que obriga o homem a prestar atenção às condições de todo pensamento e de todo o conteúdo mental que ele possui, portanto, a levar em conta a especificidade da linguagem filosófica e as condições particulares que permitem o filosofar.

Portanto, em Kant, se o humano tem a sua disposição a possibilidade de movimentar-se no mundo do simbolismo, a partir da utilização do símbolo, nem por isso está autorizado a objetivar o pensamento, de apresentá-lo enquanto objeto. Os símbolos existem para tornar discernível o que é cogitável e o que é conhecível. A existência do símbolo representa a possibilidade humana de responder à existência de um mundo numenal. O símbolo atesta ao mesmo tempo a existência de limites estritos à faculdade e à capacidade do homem de falar de si-mesmo, de sua alma, sua consciência, sua psicologia e seu mundo interior.

Em Lacan, trata-se de compreender que seu pensamento se lança em direção a uma interpretação lingüística do simbolismo enquanto condição da possibilidade de conhecer. Desta forma, Kant e Lacan constituem-se em elos da mesma corrente cognitiva<sup>3</sup>.

Para o lacanismo a natureza se dissolve na cultura. O corpo e o verbo se confundem. O significante que permite soldar a ambos num momento único é a metáfora paterna, que permite a entrada da natureza na cultura. Ele representa um significante incorporal e não material. O desejo, que se funde com o verbo, o corpo-verbo, é um verbo privado de sentido, e um corpo privado de corporeidade. Desta forma, fica efetivamente afirmada a lógica que engloba Kant e Lacan<sup>4</sup>.

Contudo, devemos apontar como traço distintivo entre Kant e o psicanalista da *Rue de Lille* a noção de signo, que em Kant é binária, pois as noções *a priori* de Kant não envolvem a noção de código, ou um elemento terceiro da linguagem.

<sup>2</sup> No sentido de que o humano, para Lacan, é excêntrico ao eixo instituído pelo *cogito* cartesiano.

<sup>3</sup> MAJOR, R. et alii. *Lacan avec les philosophes*. Paris: Albin Michel, 1991, p. 75.

<sup>4</sup> Idem, p. 80.

Além disso, a teoria lacaniana do sujeito não conhece a subjetividade transcendental, no sentido kantiano, e é por isso, por exemplo, que a compreensão da prática é diferente em Kant e em Lacan<sup>5</sup>.

Em Kant, trata-se de um sujeito centrado sobre um *eu penso* (mas não me conheço), em Freud, temos uma problemática do aparelho psíquico centrada sobre um *isso pensa* (mas sobre uma *outra cena* que não a consciência). Em Lacan, temos uma nova problemática do sujeito centrada sobre o *isso fala* (mas isso é o discurso do Outro)<sup>6</sup>.

Em Lacan, as instâncias que são descritas e investigadas no interior de sua maquinaria conceitual são estruturalmente deduzidas de sua condição de possibilidade transcendental: a constituição do sujeito por sua relação universal ao Outro simbólico, isto é à linguagem, lei das leis desde sempre já dada<sup>7</sup>.

Assim, podemos compreender a empreitada lacaniana como situada para além do kantismo, pois, para Lacan, a apreensão do estofo ontológico do sujeito, o que poderia caracterizar e circunscrever aquilo que verdadeiramente o move, deve ser situado não no transcendental do conhecimento, mas num lugar mais próximo, que nos pressiona a esquecê-lo<sup>8</sup>.

Compreendemos, desta forma, a hipótese básica lacaniana, que percorre toda a sua obra, da anterioridade e autonomia do simbólico, em relação à fala individual do sujeito. Podemos pensar, assim, na necessidade *a priori* da linguagem e do simbólico como momentos do contratualismo transcendental necessário à produção e à constituição do humano, no sentido de que o simbólico funciona como o *a priori* do homem.

Isto implica dizer que o ser humano é instado a participar e a vir a viver numa outra ordem de realidade instituída pela regulação *a priori* do simbólico. O simbólico operando como condição de possibilidade da própria gênese do humano que, a partir disto, não pode ser considerado um dado natural, mas uma descontinuidade no real, como insiste Lacan. A partir da noção de simbólico como lei *a priori* do humano, estabeleço minha hipótese de que a teoria lacaniana possa ser lida considerando-se a plataforma transcendental kantiana, o *framework* kantiano, como pano de fundo e critério da decodificação de sua inteligibilidade, alcance e significação.

Contudo, é imprescindível que esta referência a Kant seja compreendida como sendo apenas eletiva e propedêutica, como o é todo cruzamento gnosiológico que se faça entre os campos dos saberes da filosofia e da psicanálise. Neste caso, isto quer dizer que o giro lacaniano é pós-kantiano, pois não há dedução transcendental de conteúdos feita a partir de um *cogito* cartesianamente ou transcendentemente instituído. Não há certeza no *Cogito*, pois a certeza está fundada no campo do Outro.

<sup>5</sup> Idem, p. 128.

<sup>6</sup> Idem, p. 93.

<sup>7</sup> Ibidem.

<sup>8</sup> LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 368.

Como afinidade eletiva entre Kant em sua obra: *Crítica da Razão Pura*, quanto à determinação das condições *a priori* da possibilidade do conhecimento e acesso aos objetos, e o trabalho de Lacan em determinar o processo de produção e constituição do humano, utilizaremos a terminologia kantiana da estética e da lógica transcendental.

A noção de falta, a partir da noção de registro do simbólico, e de todo um mapeamento de um território do *a priori*, que funciona como plataforma operativa de aparição e de sustentação do humano-fal(t)ante, permite indicar a necessidade de revisar e constituir Outra<sup>9</sup> estética transcendental para compreender o momento ontogenético de parturiação do humano.

A noção de estética transcendental é compreendida aqui enquanto condição de produção e fabricação do ego; enquanto instância imaginária e esfera do *parlêtre*, do fala-ser, que circula no registro do imaginário via difração do símbolo, produzida pelo olhar. Isto é, o olhar instituiu uma difração de cada objeto, que possui um nome a ele associado, para dele apropriar-se em seu hemisfério do imaginário. O ego constitui-se, desta forma, numa esfera de pseudo-autonomia.

A neotenia e a insuficiência orgânica da criança humana atuam como condição de possibilidade para a entrada em cena da eficácia da constituição imaginária do ego. A imagem desempenha aqui um papel decisivo na constituição da própria noção de si mesmo, produzida pelo *infans*<sup>10</sup>. Devido a nossa fraqueza animal, precisamos de imagens<sup>11</sup>.

O desejo sexual, instalado no humano, perfaz a eficácia de funcionamento correspondente à funcionalidade dos esquemas transcendentais em Kant. Devemos compreender a movimentação do falante, na linguagem, como momento co-operatório da mostração da estruturação do desejo.

O momento em que o desejo se humaniza é também aquele em que a criança nasce para a linguagem<sup>12</sup>. Temos assim, para o humano, a necessidade de adentrar numa espécie de segunda natureza, a partir de um contrato transcendentemente instituído entre o homem e o símbolo.

Por conseguinte, a palavra constitui-se nessa dimensão por onde o desejo do sujeito é autenticamente integrado no plano simbólico. A validação do exercício do sujeito junto à linguagem é efetivada por sua articulação transcendental com o desejo<sup>13</sup>.

Aquilo que espontaneamente compreendemos como mundo fica remetido agora, a partir da efetuação desta outra caracterização do esquematismo transcendental, a ser mundo humano coberto de objetos, sendo que o objeto de

<sup>9</sup> No sentido de uma estética transcendental ancorada na Outra cena. (na).

<sup>10</sup> MULLER, J. P.; RICHARDSON, William J. *Lacan and language*. Madison (CT): Internation Universities Press Inc., 1994, p. 35

<sup>11</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário*. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p. 116.

<sup>12</sup> LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 320 (1953).

<sup>13</sup> Idem, p. 212.

interesse humano é o objeto do desejo do Outro. O eu humano sendo o outro, no início, o sujeito está mais próximo da forma do Outro do que do surgimento de sua própria tendência. Ele é originariamente coleção incoerente de desejos, o que valida a expressão corpo despedaçado, sendo que a primeira síntese do ego é essencialmente *alter ego*, ela é alienada. O sujeito humano desejante se constitui em torno de um centro que é o Outro em função de que ele lhe dá a sua unidade, e o primeiro momento de acesso que ele tem do objeto, é o momento em que o objeto é objeto do desejo do Outro<sup>14</sup>.

Esta eficácia de funcionamento do mecanismo do desejo deve ser compreendida relativamente ao fato de que o sujeito, não mais um sujeito cartesiano, conserva uma cadeia articulada fora de sua consciência, de seu *cogito*, inacessível à tematização da consciência. Ele apenas percebe a eficiência desta cadeia, no momento da demanda, da reivindicação eternizada no sujeito, embora latente e inacessível a ele. Lacan o compreende como uma memória, no sentido que assume este termo numa máquina eletrônica<sup>15</sup>. Para ele, a genialidade da descoberta de Freud é ter designado o suporte desta cadeia<sup>16</sup>.

O elemento paradoxal que acompanha a eficiência da plataforma transcendental do desejo, e que eventualmente remeteria a psicanálise de Lacan à companhia de monges budistas, consiste em que o desejo está condenado a jamais ser satisfeito. Ele não se efetiva, ele jamais pode se tornar algo de real, para o sujeito.

Por seu lado, a noção de lógica transcendental é pensada aqui como o espaço de estabelecimento das condições de possibilidade de produção e fabricação do sujeito, via ordenação no simbólico, instituída pela metáfora paterna, ou nome-do-pai, que opera como enzima de *linkagem* da instância organismo-corpo à esfera da linguagem, à esfera do simbólico, ao registro do simbólico. Instância de constituição da heteronomia do sujeito.

O atamento à cadeia simbólica, levada a efeito pela adesão inexorável à metáfora paterna, fica demonstrada por prova indireta, *elenchós*, em função da existência da psicose, por um lado, que implica uma língua sem discurso e, de outro lado, a neurose, que se constitui num discurso separado da língua e rigidamente acoplado a tais e tais sintomas<sup>17</sup>. Daí que a compreensão do alcance da eficácia do conceito lacaniano de nome-do-pai, deve ser remetido àquilo que ata o sujeito à possibilidade do exercício normatizado da língua. O falante humano, acoplado à linguagem, nunca pode advir por inteiro na fala<sup>18</sup>, dado que está submetido a partir de então a um imperativo categórico, porém não mais de cunho kantiano. O imperativo que opera sobre o sujeito é o da plataforma do desejo, sendo o desejo<sup>19</sup> uma

<sup>14</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário*. Livro 3. As psicoses. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 50.

<sup>15</sup> Ou então de Hard disk – HD – se Lacan fosse escrever hoje, em tempos de era digital. (na).

<sup>16</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário*. Livro 7. A transferência. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p. 101.

<sup>17</sup> MAJOR, op. cit., p. 83.

<sup>18</sup> LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 863 (1960).

<sup>19</sup> Para além de Heidegger, talvez pudéssemos dizer que há uma falta no ser, ou de o Ser é fáltoso. Por conseguinte não haveria o um, a unidade. (na).

falta-do-ser. Como *parlêtre*, o falante humano é um fala-ser, uma falta-para-ser, ele é finito, e infinitamente fala. Na linguagem, na fala, ele mostra sua falta, sua finitude. Daí que o humano fica capturado nas malhas de uma báscula eterna entre linguagem e desejo.

As esferas de constituição da lógica transcendental serão: sujeito, significante, Outro, inconsciente e Édipo. Se Freud insistiu a tal ponto no complexo de Édipo, que chegou até a construir uma sociologia de totens e tabus, é patentemente porque, para ele, a Lei está aí *ab origine*. Não se trata por conseguinte de se colocar a questão das origens, pois a lei está justamente aí desde o início, desde sempre, e a sexualidade humana deve se realizar por meio e através dela. Essa lei fundamental é simplesmente uma lei de simbolização. É o que o Édipo quer dizer. Este é o sentido mesmo do complexo de Édipo<sup>20</sup>.

Para Lacan, o complexo de Édipo representa o momento mesmo da introdução do significante no sujeito. Seu grau de elaboração é fundamental à normalização sexual porque introduz o funcionamento do significante como tal na conquista do dito homem ou mulher<sup>21</sup>.

A função do complexo de Édipo é essencialmente uma função de normalização<sup>23</sup>, e representa o momento da passagem do imaginário ao simbólico. Para Lacan, o Édipo é uma estrutura na qual o sujeito tem de se introduzir. O lacanismo permite pensar o mito de Édipo como momento necessário, para designar o real, no sentido das condições de possibilidade do transcendental de cunho kantiano<sup>22</sup>.

A produção do edifício teórico lacaniano foi feita também com aportes da lingüística. Contudo, como é característica do estilo de Lacan, os conceitos originalmente produzidos naquele campo, sofreram uma metamorfose ao serem incorporados à arquitetura lacaniana, em função das necessidades e especificidades do seu novo território conceitual. Este tipo de procedimento é peculiar à operação de amálgama a que Lacan submete os achados originários dos demais campos: lingüística, filosofia, literatura<sup>23</sup>, etc.

O ponto de ruptura entre Lacan e a lingüística refere-se a que a metamorfose lacaniana imposta à noção de significante, implica em considerá-lo como autônomo em relação ao significado. Ou seja, a produção da significação não se deve a que o significante esteja ligado ao significado por uma barra de união mas, precisamente, ao inverso. Em função do caráter autônomo, autístico ou instintivo<sup>24</sup> do significante e de suas leis combinatórias é que se deve a produção da significação. Compreendemos assim a distinção fundamental entre significante e significa-

<sup>20</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário*. Livro 3. p. 114.

<sup>21</sup> Idem, p. 216.

<sup>22</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário*. Livro 18. De um discurso que não seria semblante. (1970-1) (inédito). Buenos Aires, Versão da Escola Freudiana da Argentina. World Wide Web, p. 21.

<sup>23</sup> POE, Edgar Allan. *Sixty-seven tales*. Randon House. London: 1985 (veja-se especialmente *The purloined letter* e a metáfora lacaniana instituída a este conto no texto *Seminário sobre a carta roubada*, que abre a coletânea dos *Écrits*).

<sup>24</sup> A noção de instinto aqui utilizada é compreendida como um acontecimento onde a mesma estrutura que lança a pergunta já detém e fornece a resposta. (na).

do como duas redes de relações que eles organizam e que não se recobrem. A partir daí estamos liberados do fastidioso pesadelo do positivismo lógico em sua insone e inútil busca do sentido do sentido<sup>25</sup>.

Tendo efetivado a metamorfose do algoritmo saussuriano, cujo resultado é incorporado ao amálgama do gongorismo<sup>26</sup> lacaniano, produz-se a partir daí o novo e foneticamente escandaloso conceito de *alíngua* (*Lalangue*) que é introduzido e utilizado para distinguir-se do saber da lingüística, o qual consiste numa tentativa gnosiológica imaginária de produzir um saber de totalidade sobre a fenômeno da língua. Ao criar o neologismo *lalangue*, Lacan quer apontar para aquilo que a língua tangencia mas não recobre; aquilo que ela visa mas não atinge; aquilo que ela coteja mas não consuma.

Assim, torna-se evidente que Lacan não trabalha em nível da lingüística: ele a transforma<sup>27</sup> para reter aquilo que condiciona o sujeito como efeito da linguagem. Mais tarde ele introduz o escandaloso termo linguisteria, e retém da lingüística aquilo que participa desta efetuação do sujeito do inconsciente<sup>28</sup>. A linguisteria constitui-se na atividade que caracteriza o procedimento epistemológico lacaniano de tentar extrair de dentro da linguagem o significado mesmo da existência e da insistência da linguagem junto ao humano. Desta forma, a língua lacaniana vem a ser *alíngua*<sup>29</sup>, que distinguir-se-á da língua enquanto abordada pela gramática.

Um elemento que deve ser mencionado refere-se à necessidade de retirar ou abolir o rótulo de hermetismo e de inacessibilidade do trabalho teórico de Lacan. Este procedimento constitui-se em condição de possibilidade para permitir a restituição do alcance das implicações de suas formulações e descobertas.

A atividade de amálgama a que Lacan submete os diversos conceitos que incorpora, parece indicar uma necessidade, tendência e objetivo de atuar como um hológrafo do significante, o que lhe permitiria restituir o caráter tridimensional do significante. Ou seja, para além da singela compreensão da obsessão filosófica de visada cartesiana, que torna simétricos sujeito (produtor de conhecimento) e objeto (*Telos* do conhecimento), Lacan sinaliza a existência, ou mais propriamente a insistência, de um terceiro elemento do jogo lingüístico, que é a própria ordem simbólica, que atua como condição de possibilidade da própria existência do jogo.

Assim, Lacan atuaria como um executor testamentário holográfico do significante, na medida em que sua teoria opera uma exumação do caráter fundador da ordem simbólica enquanto condição de ancoragem do humano-ser. Lacan parece pretender ocupar esta posição de reedição laica do gênesis, no sentido em que procura recriar o próprio momento de criação e instauração do humano, que se daria, para ele, a partir do comércio inevitável com o significante.

<sup>25</sup> LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Du Seuil, 1966, p. 498.

<sup>26</sup> Escola espanhola de poesia inspirada no modelo de Luís de Góngora y Argote (1561-1627), poeta espanhol, e caracterizada por um excesso de metáforas, antíteses, inversões, trocadilhos, e alusões clássicas. (Aurélio eletrônico).

<sup>27</sup> No sentido da operação de metamorfose, sempre presente na efetivação do trabalho lacaniano. (na).

<sup>28</sup> MAJOR, R. et alii. *Lacan avec les philosophes*. Paris: Albin Michel, 1991, p. 166.

<sup>29</sup> *Lalangue*, no original. (na).

A metamorfose lacaniana e a conseqüente mudança do destino dos conceitos são operações que implicam em dois momentos: uma revisão dos conceitos em seu campo originariamente constituídos, uma renovação, ampliação e uma *Aufhebung*<sup>30</sup> da psicanálise freudiana a partir desta operação. A partir desta torção temos a produção de uma filosofia lacaniana da ontogênese humana, passível de ser forjada à luz de certa concepção dos efeitos da linguagem sobre o homem.

Na eterna disputa filosófica entre a prevalência do corpo ou do espírito, Lacan toma partido do corpo da letra, para mostrar que não pode haver espírito se não for animado pela letra, pela linguagem. Assim, podemos compreender que a tarefa da articulação teórica de Lacan consiste em fabricar um estatuto lingüístico em relação à descoberta original de Freud: a *spaltung*<sup>31</sup>, a cisão do sujeito. Lacan aponta para uma espécie de prova ontológica da insistência da cadeia significante ao dizer que, se o homem consegue pensar a ordem simbólica, é por estar originariamente aprisionado nela em seu ser. O homem fala porque o símbolo o fez homem<sup>32</sup>.

Para o estabelecimento de uma apreciação crítica e compreensiva da monumental empreitada encetada por Lacan é fundamental destacar que ele não deixou um sistema acabado e fechado sobre si mesmo, mas sim um extraordinário conjunto de questões que permanecem abertas à espera dos trabalhos que surgirão para lhe dar seguimento<sup>33</sup>.

Desta forma, podemos nos colocar a questão sobre qual o caráter de legitimidade do empreendimento epistemológico efetivado por Lacan, ao reconstruir a teoria freudiana a partir do germanismo icônico, metamorfoseado e holografado pelas metamorfoses impostas aos conteúdos importados dos campos da lingüística, literatura, matemática, filosofia, entre outros.

Na execução do monumental empreendimento de produzir uma ortopedia holográfica da obra freudiana, Lacan não se dá ao trabalho de produzir uma justificação para este empreendimento sob o ponto de vista de uma racionalidade que seria inerente a este projeto.

Frente à complexidade deste sistema de pensamento, absurdamente rico em incorporações e referências, dos mais variados campos do saber humano, é notória e inevitável a ocorrência de equívocos na recepção e compreensão da arquitetônica do saber lacaniano.

Em relação a esta crítica, devemos ressaltar que este exercício de estilo, é exigência epistemológica da tarefa de testamentário holográfico do significante à qual Lacan consagrou sua própria existência. Poderíamos dizer que Lacan se auto-imo- lou e se autoconsagrou à tarefa e à função de ser o escriba do significante.

<sup>30</sup> Termo extraído da dialética hegeliana que se refere às operações de conciliação e superação das posições existentes que ficam contidas num momento posterior de síntese. (na).

<sup>31</sup> Spaltung = divisão. Lacan interpretará como fenda ou falta no sujeito instituída pelo caráter de eficácia da anterioridade do significante em relação ao significado. (na).

<sup>32</sup> LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Du Seuil, 1966, p. 276.

<sup>33</sup> MAJOR, op. cit. , p. 104.

Assim, um ângulo que se mostra imensamente produtivo na elucidação epistemológica da gramática lacaniana é o de considerar que, assim como há em Heidegger a predicação de uma diferença transcendental entre ser e ente, o que permite a constituição do terreno propício à construção de uma originalíssima ontologia fundamental, há também em Lacan a predicação de uma diferença transcendental que opera e se institui na origem da formatação de seu sistema de pensamento, entre as noções de eu e de sujeito.

Lacan advoga a fiel congruência entre o método empregado para escavar e caracterizar o objeto abordado pela doutrina, nos dizendo que esse método não se distingue essencialmente do objeto que é abordado<sup>34</sup>. O alcance das formulações do saber lacaniano, tributário desta confluência epistêmica, facilmente ultrapassa o território estrito da clínica.

Para efetivar a parturiação deste sistema de pensamento, Lacan coloca-se na posição do escriba ou do ouvinte privilegiado de uma mensagem oracular não mais advinda de Delfos mas da própria estrutura que subjaz para além de toda escavação da tarefa de sísifo do cogito filosófico. A ocupação deste Outro *topos* é condição indispensável para a decodificação desta Outra forma do humano existir. É preciso olhar este discurso produzido desde um Outro lugar. Lacan o olha de um ponto onde, diz ele, "sou situado por outro discurso, do qual sou o efeito"<sup>35</sup>.

Desta forma, os achados epistemológicos que são efetivados ficam remetidos a esta forma estrangeira de existir e a esta forma oblíqua de posicionar-se, contrária a uma suposta autonomia de uma consciência argumentativa, imperialmente auto-instituída e linearmente coerente. Contudo, há uma dificuldade constitutiva que sempre acompanha a possibilidade de construção e reposição deste saber que opera em nós, relativo à eficácia *a priori* da mediação instituída pela ordem simbólica, em função de que somos seres encarnados, e pensamos sempre através de algum intermediário que, dada à eficiência do campo escópico do imaginário, detém, estaca, embrulha a mediação simbólica, que se acha perpetuamente interrompida<sup>36</sup>.

A ultrapassagem do kantismo efetivada pelo saber lacaniano, permite identificar uma analogia e uma afinidade eletiva entre a trajetória de fundamentação filosófica percorrida por Karl-Otto Apel, que nos indica o caráter e o estatuto auto-reflexivo do discurso humano e a tese lacaniana da existência e eficácia contrafática do campo do Outro, como anterior e constituidor do sujeito humano falante. Trata-se, em ambos os autores, da indicação de um lugar terceiro, a convenção significativa<sup>37</sup>. Contudo, no caso da psicanálise, para além de Apel, trata-se da articulação deste *locus* terceiro, impossível de ser reinstituído ao nível de um saber

<sup>34</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário*. Livro 10. A angústia. (1962-3). Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1997, p. 284.

<sup>35</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário*. Livro 17. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p. 22.

<sup>36</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário*. Livro 2, p. 398.

<sup>37</sup> Idem, p. 529 (1957).

manipulável com as ferramentas filosóficas da reflexão transcendental elenquicamente instituída. Em Apel, trata-se de estabelecer a auto-reflexão, como jogo linguístico próprio da filosofia<sup>38</sup>. Em Lacan, trata-se do cultivo da perda, da queda, da dívida que nos constitui, em nossa relação originária com o Outro. Em ambos, trata-se da compreensão de que o acesso ao real é sempre linguisticamente mediado e de que a relação só é a dois na aparência<sup>39</sup>, na medida em que há sempre, *a priori*, um lugar terceiro que é a convenção significativa<sup>40</sup>. Trata-se, portanto, da noção de signo em Lacan como tridimensional topológica, a partir do estabelecimento da prioridade: lógica, ontológica, topológica e semiótica do significante no processo de fundação do sentido, para um sujeito. Com a indicação destas afinidades eletivas, fica mais próxima de nós a compreensão do estatuto do estranho e provocativo nome, no território da psicanálise, da categoria de inconsciente. O inconsciente é simplesmente um outro nome para o conhecimento simbólico na medida em que ele é um conhecimento que não se sabe, um conhecimento que o sujeito não sabe que sabe. O conhecimento simbólico não reside em nenhum sujeito particular, nem no Outro (que não é um sujeito, mas um lugar), mas é intersubjetivo. Contudo, isto deve nos prevenir de supor que em algum lugar exista um sujeito que possua este conhecimento simbólico<sup>41</sup>.

Lacan pretende justificar a ocupação de sua posição de executor testamentário holográfico do significante por ter o significante um estatuto tridimensional, isto é, para além do sujeito e do outro, há *a priori* uma instância terceira, o Outro, a ordem simbólica, na qual o falante, aquele que golpeia a linguagem, através da fala, já está inserido, e que deve estar presente na articulação compreensiva do sujeito, através da prova elênquica, contrafática, porém mais adiante do modelo de fundamentação sugerido por Apel, em sua semiótica transcendental<sup>42</sup>, posto que o Outro lacaniano não é o mesmo que a comunidade ilimitada de comunicação de Apel.

Daí que, no caso de Lacan, a auto-imolação como testamentário holográfico do significante, produziu-lhe o efeito de co-pertencer ao estilo barroco, em sua empreitada de tentar fazer o significante falar. A tarefa a que se propôs o *dândi* parisiense da psicanálise seria a de produzir a extração para fora da linguagem de algo que lá está preso<sup>43</sup>. Compreende-se, desta forma, a necessidade da produção de um espaço epistemológico específico e adequado à extração do significado da coletânea de conceitos produzidos no campo de saber da psicanálise, na medida em que a radical heteronomia do sujeito humano, lhe ocasiona a ek-sistência de um hiato, de uma cisão em si-mesmo, de uma cisão na natureza humana.

<sup>38</sup> Apel, Karl-Otto. *La transformación de la filosofía*, v. I. Madrid: Ed. Taurus, 1985.

<sup>39</sup> LACAN, Jacques. *Escritos...* p. 266 (1953).

<sup>40</sup> Idem, p. 529 (1957).

<sup>41</sup> EVANS, Dylan, op. cit., p. 94.

<sup>42</sup> Ver também: SANTUARIO, Luiz Carlos. *A Semiótica transcendental de Karl-Otto APEL – a transformação da filosofia*. Caxias do Sul: EDUCS, 1998.

<sup>43</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário*. Livro 20. Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 31.

A partir da compreensão de que o ser humano, situa-se para além do real que lhe é biologicamente natural<sup>44</sup>, no sentido de que o humano para constituir-se como tal, deve ocupar um *topos* subversivo para além da plataforma do ancoradouro biológico, e passar a habitar o mundo da linguagem, sendo que esta metamorfose, esta transmutação do natural ao cultural, do biológico ao simbólico, é proporcionada pelas operações descritas na estética e na lógica transcendentais da maquinaria lacaniana, podemos compreender que a psicanálise é teoria do desejo na sua relação ao Outro<sup>45</sup>. A psicanálise é erotologia, ciência do desejo<sup>46</sup>.

Neste sentido seria possível ver, em Lacan, uma onto-ética do desejo humano<sup>47</sup>. A partir da compreensão do espaço epistemológico próprio e específico no qual deve ser situado o saber da psicanálise, para poder ser decodificado, torna-se extremamente produtiva a introdução da noção de inconsciente epistemológico, compreendida como sistema de premissas de argumentação que são indispensáveis de levar-se em conta<sup>48</sup>.

A noção de inconsciente epistemológico, como conjunto de premissas de argumentação que são estabelecidas por prova elênquica, indireta ou contrafática, pode ser estabelecida a partir da diferença transcendental instituída no início da articulação do sistema de pensamento de Lacan entre, de um lado, o ego, instância da captação imaginária, fruto de alienações sucessivas, cuja matriz primeva encontra-se no estágio do espelho e, de outro lado, o sujeito, habitante do simbólico, alí inscrito e registrado, a partir de sua inevitável imersão na linguagem, cuja enzima catalizadora ou elemento possibilitador é proporcionada pelas etapas normatizadoras cumpridas no desfiladeiro do complexo de Édipo, enquanto funciona como condição de possibilidade ou plataforma *a priori* possibilitadora da conexão entre o *infans* e a linguagem. A consciência é determinada pela ordem simbólica, de modo que o sujeito é sujeito somente em virtude de sua subjetivação ao campo do Outro. Daí que há uma disputa de vida e morte entre o estatuto do sujeito cartesiano e do sujeito lacaniano.

Trata-se em Lacan de compreender, relativamente à noção de função simbólica, o princípio inconsciente único em torno do qual era possível organizar a multiplicidade das situações particulares a cada sujeito<sup>49</sup>. Este outro espaço epistemológico, solidário à compreensão da eficácia da operatividade da lógica do signifiante é uma ontologia transcendental, ou antes aquilo que vem no lugar de uma tal ontologia<sup>50</sup>. Trata-se, por conseguinte, não da produção de uma nova ontologia, mas da determinação de uma condição epistêmica. Temos em Lacan

<sup>44</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário*. Livro 2. p. 402.

<sup>45</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário*. Livro 10. p. 35.

<sup>46</sup> Idem, p. 23.

<sup>47</sup> BORCH-JACOBSEN, M. *Lacan the absolute master*. Stanford: Stanford University Press, 1991, p. 226.

<sup>48</sup> MAJOR, op. cit., p. 130.

<sup>49</sup> ROUDINESCO, E. *Jacques Lacan*. Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Cia. das Letras, 1994, p. 225.

<sup>50</sup> MAJOR, op. cit., p. 369.

uma ontologia, porém, não no sentido estrito do saber da filosofia, mas de uma ontologia da hiância<sup>51</sup>. A utilização do termo ontologia não remete a poder compreender o campo descrito pelo saber da psicanálise como construindo ou indicando alguma ontologia ou remetendo a alguma ontologia, enquanto campo de positividade de um saber. A referência ao termo informa antes uma negatividade, uma produção ao revés, uma efetiva impossibilidade de pensarmos em qualquer ontologia, em função do sujeito encontrar-se despossuído de conteúdo positivo e de uma mola<sup>52</sup> gnosiológica cartesiana que lhe permitiria produzir um saber produtor e constituidor de um espaço ontológico.

---

<sup>51</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário*. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 33.

<sup>52</sup> Para Lacan, o Outro é aquilo que funciona como mola da fala. (na).